



## **Jornalismo do Século XXI.**

### **Profissão, Identidade, Papel Social, Desafios Contemporâneos<sup>1</sup>**

Raissa Nascimento Dos Santos<sup>2</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

#### **RESUMO**

Refletir sobre a profissão de jornalista diante dos novos cenários políticos, sociais e culturais é, sobretudo, pensar a sociedade contemporânea no exercício da democracia. O presente artigo lança um olhar sobre o papel social do jornalista nas sociedades democráticas, focalizando as transformações do *know-how* jornalístico. Dentro dessa proposta, o artigo propõe um debate sobre a profissão jornalista, seguindo um itinerário desde o marco da sua institucionalização, a criação da técnica do *lead* jornalístico. E contempla as mudanças nas rotinas de produção, em níveis econômicos, políticos e editoriais, que impactaram os jornalistas brasileiros, além da implementação de normas, como a inconstitucionalidade do diploma para exercício profissional. Por fim, a reflexão contempla a identidade jornalista e o seu papel social no atual ambiente informatizado.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo; Identidade Profissional; Desafios Profissionais.

#### **Profissão Jornalista**

A palavra *journaliste*<sup>3</sup>, junção de duas palavras francesas *jour*, cuja tradução corresponde a “dia” e *analyste*, que significa analista, resultou na definição da profissão jornalista: analista do cotidiano. A profissão surgiu no século XV e desde o princípio esteve ligada às novas tecnologias com a invenção da prensa por Gutenberg e continuou a se desenvolver com o advento das novas tecnologias. Segundo Schudson (2000: 192), o *lead* e a estrutura da pirâmide invertida emergiram nos Estados Unidos, no fim do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O artigo teve a orientação do Professor Associado ao Programa de Pós Graduação em Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB, Doutor em Ciências Sociais Cláudio Cardoso Paiva. Contatos por e-mail: [raissa.nascimento.santos@gmail.com](mailto:raissa.nascimento.santos@gmail.com) e [claudiocpaiva@yahoo.com.br](mailto:claudiocpaiva@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> De acordo com Michael Palmer (1994:108) a palavra surgiu no início do século XVIII, no ano de 1703, mencionada pela primeira vez no Journal de Trévoux.



século XIX, com uma finalidade específica: “a de elevar o jornalista ao status de profissionais especializados na apresentação dos fatos, a partir de um instrumento narrativo novo, pretensamente objetivo, e de uso restrito ao profissional”.

O jornalismo desde o princípio esteve ligado às novas tecnologias, apropriando-se das novas ferramentas para a difusão da informação. De acordo com Rogério Christofolletti na obra *Ética no Jornalismo* (2008: 95), “por conta da informática, dois impactos foram determinantes para virar o jornalismo do avesso: digitalização da informação e facilitação na distribuição dos dados”. A profissão de jornalista está em pauta devido às mudanças decorridas com a inserção e difusão das novas tecnologias no cotidiano das práticas jornalísticas que impulsionaram demandas emergentes como a interatividade, instantaneidade e convergência midiática<sup>4</sup>. A proliferação da fabricação de conteúdo na internet aguçou a discussão, assim como, a inconstitucionalidade<sup>5</sup> do diploma no Brasil para o exercício profissional e as novas diretrizes curriculares nacionais<sup>6</sup> para o curso de graduação em jornalismo no país<sup>7</sup>.

### **Identidade profissional: Jornalista!**

---

<sup>4</sup> De acordo com o Dossiê divulgado pela Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo (SBPJor), sob a elaboração do Instituto de Estudos Políticos de Renne (França), Erik Neveu, a convergência midiática iniciou na internet e produz uma reação em cadeia “fundindo e combinando a televisão, o rádio e a imprensa com os sites de notícias on-line Cf. NEVEU, 2010, p. 2.

<sup>5</sup> Para os ministros o artigo 4º, inciso V, do Decreto-Lei 972/1969 (assinado durante o regime militar que exigia a obrigatoriedade do diploma) fere o direito humano à comunicação previsto no capítulo 5, nos artigos 220 a 224 da Constituição Federal de 1988 e a liberdade de imprensa e pensamento expressos no artigo 13 da Convenção Americana dos Direitos Humanos, ao qual foi aderida pelo Brasil desde 1992. O Supremo Tribunal Federal decidiu no dia 17 de junho de 2009 que não precisa do diploma para exercer a profissão de jornalista no Brasil. Segundo notícia publicada no Portal do Supremo Tribunal Federal no dia 17 de junho de 2009 < <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717> Acessado em 2 de abril>

<sup>6</sup> As Novas Diretrizes Curriculares em Jornalismo foram aprovadas pelo Ministério da Educação em 27 de setembro de 2013 e com implantação prevista para janeiro de 2015, segundo artigo publicado por José Arbex Jr (2014: 30) na Revista Cult, volume 188, ano 17.

<sup>7</sup> À nível internacional, “no campo da formação profissional universitária noticiou-se no final de 2010 que “a Universidade do Colorado estuda fechar seu curso de Graduação em Jornalismo para criar um programa que combine preceitos jornalísticos e de ciência da computação”. O novo curso seria algo próximo de uma “graduação em mídias”. Segundo a mesma fonte, ao menos outras trinta escolas, entre elas Wisconsin, Cornell, Rutgers e Berkeley, consideram modificar os cursos para que se adequem às novas tendências do mercado de trabalho. O foco teórico e profissional é a *comunicação mediada por ferramentas tecnológicas (mediated communications)*. (Citação retirada do artigo: “coisa absurda, senão grave”, escrito por Muniz Sodré e publicado na Revista Cult, volume 188, ano 17, 2014, p. 28).



O conceito e significado de identidade sofreram alterações ao longo da história da humanidade. Na Antiguidade, era vinculado “à tradição da filosofia grega, que postulou a questão do Ser”, como descreve Fernanda Lima Lopes na obra *Ser Jornalista no Brasil* (2013:22):

Sócrates, Platão, Aristóteles e seus seguidores acreditavam na composição do ser uno, indivisível e imutável, um modelo que se contrapunha à ideia pré-socrática de que “tudo flui” (visão de mundo encontrada em Heráclito, que defendia que nada permanece o mesmo). Como se sabe o pensamento ocidental que permeou a Idade Média, o Renascimento e chegou até a Idade Moderna esteve, em grande medida, enraizado na tradição filosófica da Grécia. Desse modo, o enfoque ontológico baseado na percepção unívoca do Ser, tornou-se forte alicerce para a perpetuação da compreensão unitária da identidade. No século XVII, a busca ontológica pelo Ser deu lugar a uma preocupação epistemológica com o Conhecer. Com Descartes, a razão passou a ser supervalorizada e o sujeito da razão veio a ser o centro do conhecimento do mundo (...). Autocoerência, autodeterminação e centramento caracterizam o paradigma racionalista, perdurando até o pensamento iluminista. Hall (2002) reforça que, também no iluminismo, o sujeito centrado era (...) ciente de sua maneira de ser e da sua capacidade de se autodefinir. Nesse contexto, a identidade era percebida como imutável, inerente à pessoa, como se fosse uma essência, algo fixo, permanente, que existia desde o nascimento até a morte (LOPES, 2013, p. 22-23).

A filosofia iluminista inicia uma nova tipologia do sujeito sociológico (Hall, 2002). E conseqüentemente, o conceito de identidade é modificado como apresenta Lopes (2013: 23-24) “a identidade começa a ser vista a partir da inserção do homem na sociedade; a formação da autoimagem começa a ser relacionada ao mundo público, à cultura”. Os estudos sociológicos avançam e “demonstram que a consciência e a identidade, por mais individuais que pareçam ser; não prescindem de uma localização social”<sup>8</sup>.

A construção da identidade é, também, entendida como uma operação narrativa (Ricoeur, apud Pahl, 1997), ou como uma espécie de autobiografia, isto é, um projeto dotado de consciência e reflexividade (Giddens, 2002). De acordo com tais concepções,

---

<sup>8</sup> LOPES, 2013, p. 24.



construir identidade é como contar uma história que produza sentido para quem a conta e para quem a escuta. “As pessoas se identificam com aquilo que dizem de si mesmas e que os outros dizem delas” (Pahl, 1997, p. 174). Muito do que dizemos de nós mesmos ou do que os outros dizem de nós se contrói a partir de lembranças. Por isso, a memória<sup>9</sup> é considerada um atributo de suma importância para alinhar a organização dessa narrativa reflexiva (...). A memória é, assim, uma dimensão fundamental dos processos identitários (LOPES, 2013, p. 25).

De acordo com Michael Pollak no texto “memória e identidade social” (1992) existem três elementos importantes na construção da identidade. Primeiro, na ordem física o sentimento de pertencimento; segundo, na esfera física-moral-psicológica a continuidade no tempo; e por último, sentimento de unidade ou sensação de coerência. No jornalismo é possível identificar os três níveis:

Para responder à pergunta: “quem são os jornalistas?” é necessário voltar os olhos para aquilo que o grupo organiza interiormente como significativo, e, além disso, é preciso situá-lo num âmbito de sociabilidade, de partilha comum de significados. No caso dos jornalistas, é fácil perceber a importância da interação com o Outro para a existência desse grupo, já que a própria função que esses trabalhadores desempenham na sociedade está intrinsecamente conectada com o ato de falar ao outro. Tal como esclarece Vera Veiga França, o jornalismo é uma das formas do “dizer social”, ele “está enraizado no terreno da palavra humana” (França, 1998, p. 26). Quando o jornalista atua na sociedade, por meio de seus textos (impressos, radiofônicos, televisivos ou dos mais diversos formatos), age para falar do outro e ao outro. Mas é interessante notar que em diversos momentos ele até fala de si e/ou para si mesmo, numa atitude que chamamos de autorreferenciação (Lopes, 2013, p. 25).

## **O papel Social do Jornalismo**

---

<sup>9</sup> Lopes (2013: 28) declara “ainda que identidade e memória nunca tenham sido, no plano concreto, fenômenos separados, é interessante destacar que a ligação entre os dois conceitos só pôde ser vista com mais clareza a partir de contribuições dos campos da sociologia, psicologia social, da história, da medicina social, entre outros. Na atualidade, a inter-relação desses conceitos não é difícil de ser percebida. Como diz David Lowenthal “(o)s grupos também mobilizam lembranças coletivas para sustentar identidades associativas duradouras” (Lowenthal, 1989, p. 84). Ou, como afirma Michael Pollak, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva (...)” (Pollak, 1992, p. 209).



Objetividade, imparcialidade e verdade na narração dos fatos constituem os pilares dos valores éticos exigidos para o jornalista durante o exercício profissional. Rogério Christofolletti, no livro *Ética no Jornalismo* (2008: 11-12), afirma que “no exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção de trabalho”. O autor observa o jornalismo como “trabalho duro, responsável e imprescindível para o desenvolvimento das sociedades”:

Voltamos nossos sentidos aos meios de comunicação como se estes funcionassem como extensão de nossos próprios corpos. As lentes das câmeras são nossos olhos a distancia; os microfones e gravadores, nossos ouvidos; tomamos como referências pessoais as impressões olfativas, tácteis e do paladar, captadas pelos repórteres. Enfim, acreditamos nos homens e mulheres que se dedicam a apurar os fatos e traduzi-los à sociedade, e confiamos no aparato tecnológico que dá suporte a esta atividade. Consciente ou inconscientemente, firmamos um pacto de confiança com a mídia, porque acreditamos que o jornalismo é uma forma de narrativa do presente que tem correspondência com o que entendemos por realidade (CHRISTOFOLLETTI, 2008, p. 28).

O papel social do jornalismo está sendo debatido nas sociedades contemporâneas devido às mudanças decorridas com a inserção e difusão das novas tecnologias no cotidiano profissional que impulsionaram demandas emergentes como a interatividade, instantaneidade e convergência midiática<sup>10</sup>. Lopes (2013: 29) afirma “Os papéis desempenhados pelos jornalistas por meio de suas atividades fornecem elementos para sua autodefinição”.

Identidades são mais do que papéis. Enquanto as primeiras organizam significados, os segundos organizam funções (Castells, 2000). A identidade do jornalista não pode ser vista restritamente como resultado de uma prática. Sendo “construção de significado”, identidade considera os afazeres, mas também engloba os valores, as crenças, os mitos, os saberes, as representações sociais, a história, a memória, as relações de poder, além de outros elementos que são fonte de fortes ligações para os indivíduos que compõem um grupo (Lopes, 2013, p. 29-30).

---

<sup>10</sup> De acordo com o Dossiê divulgado pela Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo (SBPJor), sob a elaboração do Instituto de Estudos Políticos de Renne (França), Erik Neveu, a convergência midiática iniciou na internet e produz uma reação em cadeia “fundindo e combinando a televisão, o rádio e a imprensa com os sites de notícias on-line. (NEVEU, 2010, p. 2)



A proliferação da fabricação de conteúdo na internet aguçou a discussão, assim como, a perda da obrigatoriedade do diploma para o exercício profissional, permitindo a análise dos procedimentos sociais e cognitivos, conforme defende Abbott (1988) que, “no estudo das profissões, precisa-se analisar os procedimentos sociais e cognitivos de cada trabalho”.

Desse modo, na base cognitiva da prática profissional, haveria três operações básicas que facilitariam a compreensão da dinâmica das competências: o diagnóstico, a inferência e o tratamento. A segunda operação seria essencial, pois é o espaço de luta e de controvérsias, já que não pode ser monopolizada definitivamente por alguma competência, apresentando uma vulnerabilidade jurídica e por isso, podendo ser contestada constantemente. A inferência é a caixa preta do expert. É o espaço de resolução de problemas, sendo o lugar de articulação entre o saber formal e a eficácia prática, entre o conhecimento abstrato e os procedimentos concretos, entre as classificações legítimas e as ações profissionais. Quem conquista-las adquire a jurisdição sobre o objeto das competências (PERRUSI, 2004, p. 101).

A produção jornalística é um serviço público que fortalece a democracia. Assim defende claramente Zélia Leal Adghirni, no artigo O Jornalista: do mito ao mercado (2005: 46) “mais do que o exercício de uma profissão, a imagem do jornalista foi historicamente construída calcada sobre os ideais nobres da democracia, da justiça e da liberdade”. Robert E. Park no artigo “a história natural do jornal” (1923: 38) afirma: “Thomas Jefferson<sup>11</sup> declarou: eu prefiro viver num país com jornais e sem Governo do que viver num país com Governo e sem jornais”.

Se nós propusermos manter uma democracia como foi concebida por Jefferson, o jornal precisa continuar contando sobre nós. Precisamos de algum modo aprender a conhecer nossa comunidade e seus negócios da mesma maneira íntima que as conhecemos nas aldeias do campo. O jornal precisa continuar a ser o diário impresso a comunidade-lar. Casamentos e divórcios, crime e

---

<sup>11</sup> Thomas Jefferson foi um filósofo político e terceiro presidente dos Estados Unidos, exercendo dois mandatos seguidos: o primeiro de 1797-1801 e o segundo, de 1801-1809, sendo o principal autor da Declaração de Independência dos Estados Unidos de 1776. De acordo com o Portal Universia, matéria publicada no dia 13 de abril de 2012 <<http://noticias.universia.net.mx/translate/es-pt/en-portada/noticia/2012/04/13/923310/nacimiento-thomas-jefferson.html>> Acessado em 2 de abril de 2014.



política precisam continuar a compor o corpo principal de nossa notícia. A notícia local é a verdadeira matéria da qual a democracia é feita (PARK, 1923, p. 38).

## **Desafios Contemporâneos**

Novas nomenclaturas, novos desafios e novo perfil profissional. O jornalismo vive profundas mudanças e as transformações ocorrem em todos os níveis da categoria. Com o crescimento da internet surgiram novas demandas na sociedade. Segundo pesquisa da Organização Internet World Stats, que é responsável em monitorar o desenvolvimento da internet em todo o mundo houve “um aumento de 450% de uso em onze anos, já que, no final do ano 2000, havia cerca de 360 milhões de acessos, e, em março de 2011, foram mais de 2 bilhões de usuários, o que equivale a 30,2% da população mundial”<sup>12</sup>.

Castells (2003: p. 115) afirma que a internet é mais do que um mero instrumento tecnológico. E denomina de “sociedade em rede por utilizar as tecnologias de informação e comunicação para se articular socialmente”. Cassiano (2011: 22) reflete sobre as mudanças estruturais na sociedade atual que se une em rede para emitir a opinião, discutir o presente e propor novas diretrizes.

A internet na vida da sociedade em rede mostra que ela é mais do que apenas uma ferramenta gerencial e organizacional: é também o espelho do ser humano, ao refletir todas as ações dele além do campo virtual. Deste modo, como o reflexo se altera conforme os movimentos da sociedade em rede, esse instrumento ganha vida e se transforma mutuamente junto com essa sociedade. (CASSIANO, 2011, p. 22)

A Era da Informação torna-se um contemporâneo desafio para as práticas profissionais e o *know-how* jornalismo. As transformações contemporâneas do jornalismo esteve presente no debate promovido pelo pesquisador francês Erik Neveu, no livro *Sociologia do Jornalismo* (2001) ao analisar as mudanças ocorridas nos últimos 25 anos. O autor enfatiza “o desenvolvimento de uma imprensa institucional (empresas, administrações, órgãos públicos, ministérios, etc) tem provocado debates sobre a

---

<sup>12</sup> CASSIANO, 2011, p. 10.



identidade profissional do jornalista”. No Brasil, o mercado de trabalho nas assessorias de comunicação representa 40%, sendo o setor que mais cresce e comporta a atuação de 60 mil jornalistas com registro profissional, de acordo com a pesquisa divulgada pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)<sup>13</sup>.

Para Zélia Leal Adghirni que analisa no artigo O Jornalista: do mito ao mercado (2005) a migração dos jornalistas para atuarem nas assessorias e no setor público como um indício da crise de identidade profissional:

Diante de jornadas produtivas que estendem até 12 horas, do achatamento dos salários, das faltas de contratos estáveis com carteira assinada (as empresas estão preferindo contratar pessoas jurídicas em vez de pessoas físicas) os jornalistas profissionais, dos jovens recém-formados aos veteranos cansados, todos correm para as funções públicas. Neste momento de transição e migração, torna-se necessária uma investigação no campo acadêmico sobre os tangenciamentos que atingem o jornalismo enquanto profissão historicamente construída em consequência das transformações que vêm se produzindo no campo do jornalismo e que vêm afetando o status e a identidade do jornalista (ADGHIRNI, 2005, p. 54).

O jornalismo vive profundas adaptações na sociedade, a citar o surgimento do jornalismo cidadão ou colaborativo, realizado a partir da contribuição do receptor que interage e participa do processo da fabricação da notícia, mudando a relação dos jornalistas com as suas fontes. Com as mudanças dos fabricantes das notícias, neste cenário, as associações profissionais dos jornalistas atuam em prol da obrigatoriedade do diploma para o exercício profissional. Assim como DINIZ (2001) defende o papel dos sindicatos e federações:

As associações profissionais, por seu turno, velam para que os serviços sejam oferecidos apenas por aqueles formalmente treinados no corpo de conhecimento da profissão e credenciados para o seu exercício, garantindo sua qualidade; cabe também a estas associações velar que o código de ética seja rigorosamente observado (DINIZ, 2001, p. 29).

---

<sup>13</sup> A pesquisa foi realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, em convênio com a Fenaj, no ano de 2012. E revelou a mudança do perfil do jornalista brasileiro, atualmente, as mulheres representam 64% da categoria profissional em atividade.





Como descreve Norbert Elias no *Escrito e Ensaio* (2006) “as sociedades não são nada além de indivíduos conectados entre si; cada indivíduo é dependente dos outros” (ELIAS, 2006, p. 70). E a sociedade precisa, em conjunto, refletir sobre o papel do jornalismo e o novo rumo da profissão.

### **Considerações Finais**

Como descreve Lopes (2013: 45) “o jornalismo é um objeto de pesquisa complexo, com uma história de interações político-sociais e com intercessões na cultura muito relevantes para a compreensão do próprio mundo em que vivemos”. As transformações ocorridas para o profissional jornalista alterou a maneira de *know-how* jornalismo como também, a sociedade democrática que recebe a informação e através da era digital interage em tempo real com o repórter. Com essa nova maneira de ser jornalista é natural refletir sobre os novos papéis sociais e a nova identidade da categoria profissional. Como descreve Claude Dubar na obra *A crise das identidades* (2009: 36) “as identidades profissionais são maneiras socialmente reconhecidas, de os indivíduos se identificarem uns aos outros no campo do trabalho e do emprego”.

Pode-se sempre, com efeito, aceitar ou recusar as identidades que lhe são atribuídas. Pode-se identificar-se de modo diferente daquele que é praticado pelos outros. É a relação entre esses dois processos de identificação que está no fundamento da noção de formas identitárias (Dubar, 2009, p. 20).

Atualmente, as novas configurações do jornalismo tornou-se campo fértil para estudos e pesquisas acadêmicas devido ao impacto social da profissão. As reflexões e observações não se esgotam, mas apontam para o renascimento profissional, por isso, é imprescindível dedicar-se ao estudo e análise das transformações e do impacto direto e indiretamente na dinâmica da sociedade democrática, sob o olhar da Observação Participante, proposta por Michel Thiollent<sup>14</sup> em que permite, ou pelo menos possibilita que o pesquisador construa sua compreensão procurando interagir com os valores da

---

<sup>14</sup> Cf. Michel Thiollent: teórico brasileiro de destaque e aplicação da metodologia de pesquisa social participativa. Apud (THIOLLENT, 1985: 53).



realidade estudada. Segundo Thiollent, para a Observação Participante, é imprescindível que o investigador mantenha um estado de “atenção flutuante”, estando este sempre vigilante em conceitos e práticas nos limites e interesses em que a pesquisa se determina sem correr o risco de promoções de questionamentos forçados.

## Referências Bibliográficas

ABBOTT, Andrew. **In The System of Professions**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

ADGHIRNI, Zélia Leal. O Jornalista: do mito ao Mercado. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Volume II, nº 1 - 1º Semestre de 2005.

CASSIANO, Machado Adriele. **Ativismo a partir das redes sociais**. São Paulo, 2011. Disponível no seguinte endereço eletrônico <<http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/viewFile/426/373>>. Acesso em 9 de outubro de 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DINIZ, Marli. **Os Donos do Saber**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**. São Paulo: Afrontamento, 2009.

ELIAS, Norbert. **Escritos e Ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FENAJ. **Pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro**. Acessado em 02 de abril de 2014. <[http://www.fenaj.org.br/reinstitu/pesquisa\\_perfil\\_jornalista\\_brasileiro.pdf](http://www.fenaj.org.br/reinstitu/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf)>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

JR., José Arbex. Nem Liberdade, nem democracia. **Revista Cult**. São Paulo, Volume 188, ano 17, p. 30, março/2014.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser Jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2013.

NAFZIGER, Ralph. **An Introduction to Journalism Research**. Louisiana State University, 1949.

NEVEU, Erik. **Sociologie du Journalisme**. Paris: Ed. La Découverte, 2001.

\_\_\_\_\_. **As notícias sem jornalistas**. 2010.



PARK, E. Robert. A História Natural do Jornal, 1923. In: **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa, volume 2 / orgs. Christa Berger e Beatriz Marocco. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PERRUSI, Artur. **Tirania da Identidade**. 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992.

Portal do Supremo Tribunal Federal. Acessado em 2 de abril de 2014.  
<<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>>

SCHUDSON, M. The Sociology of News Production Revisited. In: CURRAN, J.; GUREVITCH, M. **Mass Media and Society**. Nova York: Arnold, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa – Ação**. 10º - ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

UNIVERSIA. **Portal Universia Brasil**. Acessado em 2 de abril de 2014.  
<<http://noticias.universia.net.mx/translate/es-pt/en-portada/noticia/2012/04/13/923310/nacimiento-thomas-jefferson.html>>